

Editorial

Inspirados pelo aniversário de 100 anos, em 2024, do livro *A montanha mágica*, de Thomas Mann, pensamos nos temas que surgem nas páginas do romance. Entre tantos deles, como o progresso, a ciência, o amor, a sexualidade, o feminino, o masculino, o corpo, a mente, a violência, a guerra, o futuro, a morte, o tempo... a história se passa numa clínica de saúde nos Alpes Suíços, destinada à recuperação de pessoas com doenças pulmonares. O personagem central da história é Hans Castorp, que viaja até lá para visitar o primo doente. Durante a viagem de ida, pensa que seria apenas uma interrupção de sua vida, cumpriria a visita em três semanas e estaria de volta para retomar o dia a dia de onde parou. Seria apenas um breve hiato. Porém, Hans Castorp é fisgado pelo universo da clínica e acaba por lá permanecer sete anos. Além dos limites da clínica, o mundo estava todo dividido, apresentando os sintomas da existência de posições ideológicas tão antagônicas quanto radicais. As pessoas haviam desaprendido a se ouvir. Não havia “com-versas”, só empenho em impor ideias de um para outro.

Esse cenário nos pareceu muito próximo ao que temos observado, sentido e sofrido nos últimos anos. O mundo continua dividido entre opiniões e ideologias incompatíveis, com cada grupo gritando do alto de seu Monte Branco. O recurso da fala, mediado pela condição de pensar sobre pensamentos e criar, é pouco utilizado e muitas vezes ausente. Faz mesmo 100 anos que o romance de Thomas Mann foi escrito? Essa obra-prima (assim como as obras de outros talentosos autores – tradutores de almas) delata/revela a condição humana – precariedades e ampliações que nos pertencem e acompanham – em uma “modernidade” persistente e conhecida.

Hans Castorp, fisgado pelo universo da clínica, nos remeteu aos nossos analisandos e à possibilidade de serem fisgados pelo universo de sua própria mente e pela curiosidade sobre si mesmos durante um trabalho psicanalítico. Se nos procuram, estão em alguma qualidade de sofrimento. Apesar de estudarmos teorias psicanalíticas que falam do humano em geral, quem está em nosso consultório é único, num momento único. O psicanalista, sintonizando-se com a experiência que estão compartilhando, talvez possa criar/descobrir imagens e palavras num idioma que comunique o que estão vivendo.

Quantos personagens existem no romance de nossas mentes, dos psicanalistas e dos analisandos? Quantos ainda estão por nascer, e quantos estão soterrados nos escombros de uma guerra? Daí surgiu o mote para o projeto editorial da revista para todo o ano de 2025:

Quem veio hoje para a análise?

A pergunta refere-se tanto ao analisando quanto ao analista.

Em seu livro *Introdução ao pensamento complexo*, Edgar Morin^[1] cria uma potente imagem: acreditávamos que vivíamos num mundo sólido, firme. À medida que os micro e macrocosmos foram sendo encontrados, as amarras de nosso solo estável, nossa onda média, foram desfeitas, e nos descobrimos habitando um tapete oscilante e voador. Essa imagem se aproxima do desenvolvimento da própria psicanálise que, inicialmente, foi desvendada por Freud dentro de um vértice positivista, seguindo com Klein e outros, até chegar às elaborações de Bion e outros, que nos trouxeram a inerente instabilidade de um encontro entre duas pessoas numa sessão de análise. Parece-nos um trajeto bastante coerente com as possibilidades de cada época. Como se, ao encontrar uma trilha – a psicanálise –, seguissemos por ela com o auxílio da claridade do dia, percorrendo-a até o escuro da noite. Agora, mais devagar para nos familiarizarmos com a ausência de luz, aguardamos que algo se desvele.

Nosso desejo é que os artigos que se seguem possam nos revelar um pouco do pensamento de nossos colegas e das experiências vividas na clínica, tanto as promissoras como as frustrantes. Como diz Bion, a crença no psicanalista que sabe o que interpretar para seus analisandos é um dos mitos da psicanálise. Algumas vezes suas verbalizações são promissoras, outras não. A sessão acontece no imprevisto, sem rascunho. Acreditamos fortemente que trocas de pensamentos e experiências muito ampliam nossa condição para trabalhar. Então, que possamos usufruir de *Quem veio hoje para a análise?*.

Conselho Editorial Berggasse 19

Editora:

Sandra Nunes Caseiro

Editores Associados:

Ana Cláudia G. R. de Almeida

Cristiane Reberte de Marque

Marcelo Salles Bueno

Renata Sarti

1. Livro publicado originalmente em 1990, com versão brasileira pela editora Sulina, atualmente na 5ª edição (2015).